

DON WINSLOW

SELVAGENS

Tradução de Maria João Delgado

1

Vai-te lixar.

2

Hoje em dia, é esta a atitude de Chon.

Ophelia diz que Chon não tem uma atitude, mas sim uma «*matitude*».

– Faz parte do charme dele – diz O.

Chon responde que só um pai *muy* passado da cabeça é que dá à filha o nome de uma louca qualquer que se suicida, afogando-se. Pode dizer-se que é um capricho bem bizarro.

Não foi o pai dela, diz-lhe O, foi a mãe. Chuck andava desaparecido quando ela nasceu e Paqu fez o que lhe deu na real gana e chamou-lhe «Ophelia». A mãe de O, Paqu, não é índia nem nada. «Paqu» é apenas o nome que O lhe chama.

– É um acrónimo – explica.

P.A.Q.U.

*Passive Aggressive Queen of the Universe.*¹

– A tua mãe detestava-te? – perguntou-lhe Chon dessa vez.

– Não me detestava – respondeu O. – Detestou *ter-me* porque ficou gorda e inchada, o que para Paqu significava aí uns dois quilos. Pariu-me e, na vinda do hospital, a caminho de casa, comprou uma passadeira elétrica.

¹ Rainha do Universo Passivo-Agressiva. (N. do E.)

Pois, pois, pois, porque Paqu é completamente R&B SOC.

Rica & Bonita de South Orange County.

Cabelo loiro, olhos azuis, nariz bem feito, e as MMQSPC – as Melhores Mamas Que se Podem Comprar (se tiveres mamas naturais nessa região, é como se fosses Amish). Aquelas banhas não haviam de se manter durante muito tempo nas *suas* ancas. Paqu regressou à sua casinha de três milhões de dólares em Emerald Bay, prendeu a pequena Ophelia num desses marsúpios e subiu para a passadeira.

Caminhou uns milhares de quilómetros sem ir a sítio nenhum.

– O simbolismo é evidente, não é? – perguntou O a rematar a história. Acha que foi aí que começou a gostar de máquinas e equipamentos mecânicos. – Deve ter sido essa influência subliminar, não achas? Eu bebé a ouvir aquele som ritmado, apitos e luzes a piscar, e coisa assim. Foi, pois.

E logo que teve idade suficiente para se aperceber de que Ophelia era a noiva bipolar de Hamlet, com problemas de instabilidade, que deu um mergulho sem retorno, insistiu para que os amigos lhe chamassem apenas «O». Eles assim fizeram, mas há sempre um risco quando se alcunha alguém de «O», especialmente quando esse alguém dá uns gritos estridentes quando atinge o clímax. Uma vez, estava com um tipo numa festa e começou naquela gritaria. Toda a gente a ouvia no andar de baixo, mesmo com a música a tocar em altos berros. As amigas desataram a rir. Tinham dormido todas lá em casa e O mostrara-lhes aquele vibrador todo artilhado e, portanto, elas já conheciam aquela cantilena.

– É a sério – perguntou Ashley – ou é a fingir?

O não se envergonhava nem nada. Veio lá de cima toda fresca e radiante, encolhendo os ombros:

– Que é? Adoro vir-me.

Portanto, os amigos chamam-lhe «O», mas as raparigas chamam-lhe «O Múltiplo». Podia ser pior. Podia ser «Grande O», mas ela é pequena. Um metro e sessenta e sete, e magricela. Não bulímica nem anorética, como três quartos das miúdas de Laguna, só que tem um metabolismo tipo motor a jato. Queima combustível à doida. Come que nem um alarve e não gosta de vomitar.

– Sou tipo bonequinha – diz ela. – *Gamine*.

Mais ou menos.

Esta *gamine* tem tatuagens em tecnicolor que lhe descem do pescoço até ao ombro esquerdo – golfinhos prateados a dançarem na água com ninfas douradas, grandes ondas azuis salpicadas de algas subaquáticas a rebentarem à volta de tudo aquilo. O seu cabelo era loiro mas agora é loiro e *azul*, com madeixas vermelhas brilhantes, e tem um *piercing* na narina direita. O que significa...

Vai-te lixar, Paqu.

3

Está um belo dia em Laguna.

E não são todos assim?

É o que Chon pensa ao olhar lá para fora. Mais um dia cheio de sol. Um, e depois outro, e depois outro, e depois outro, e depois...

Outro.

Pensa em Sartre.

O condomínio de Ben está plantado num promontório por cima de Table Rock Beach; um sítio lindo de morrer, e é bom que seja, pelo dinheirão que Ben pagou por aquilo. Table Rock é um grande rochedo que entra mar adentro aí uns quarenta e cinco metros – dependendo da maré – e que parece, digamos, uma mesa. Não é preciso ser um génio para perceber isso.

A sala de estar onde ele se encontra tem vidros fumados do teto até ao chão, para se poder admirar todo o panorama – mar, falésias e a ilha Catalina no horizonte –, mas Chon está de olhos colados ao ecrã do computador portátil.

O entra, olha para ele e pergunta-lhe:

– Pornografia?

– Sou viciado.

– Toda a gente é viciada em pornografia na internet – responde-lhe ela. Inclusive O, que não é nenhuma exceção. Gosta de se ligar,

digitar «ejaculação feminina» e ver o que aparece. – Isso é típico dos gajos. Não te podes viciar noutra coisa?

– Como por exemplo?

– Não sei – responde ela. – Heroína. Opta pela substância antiga.

– E a sida?

– Arranjavas agulhas limpas. – O acha que era porreiro ter um namorado drogado. Quando já estivesse farta de foder e não o quisesse aturar, deixava-lo ali num canto. E depois há toda aquela cena trágica, até ficar uma seca. Então ela podia fazer uma intervenção dramática, depois ir visitá-lo à clínica de reabilitação aos fins de semana e, quando ele saísse, podiam ir os dois às reuniões. Tudo muito sério e espiritual, até ficar uma seca. E então fazer uma outra coisa qualquer.

Andar de bicicleta de montanha, por exemplo.

Chon é magro o suficiente para passar por drogado, e alto, anguloso e musculado – parece ser feito de peças de metal, com arestas afiadas. A amiga dela, Ash, diz que alguém ainda se corta a fornicar o Chon, e a cabra é capaz de saber por experiência própria.

– Mandei-te uma mensagem – diz-lhe O.

– Não vi.

E continua de olhos postos no ecrã. Deve ser bom que se farta, pensa ela. Uns vinte segundos depois, Chon pergunta-lhe:

– O que é que dizia?

– Que ia aparecer.

– Ah.

Nem sequer se lembra quando é que John passou a ser Chon e conhecem-se praticamente desde sempre, desde a pré-primária. Já nessa altura tinha uma matitude. Os professores detestavam o Chon. *De-tes-ta-vam-no*. Desistiu dois meses antes do fim do liceu. Não é que Chon seja estúpido – é muitíssimo inteligente; mas é a sua *matitude*.

O estica a mão para o bongo que está em cima da mesinha de vidro.

– Importas-te que dê uma passa?

– Vai com calma – avisa-a ele.

– Sim?

– É a *tua* tarde – diz ele, encolhendo os ombros.

Pega no *Zippo* e acende o cachimbo. Dá uma passa ligeira, sente o fumo a entrar-lhe nos pulmões, a espalhar-se-lhe pela barriga e depois a encher-lhe a cabeça. O Chonny não estava a mentir – é mesmo uma hidro *fortíssima* – como seria de esperar da Ben & Chonny's, que produz a melhor hidro deste lado da...

De sítio nenhum.

Pura e simplesmente, são eles que produzem a melhor erva hidropónica.

O fica imediatamente pedra...da.

Deita-se de costas no sofá e deixa-se invadir por aquela onda. Que erva *espantooooosa*, santíssimo, sente picadas por toda a pele. Fica com tesão. Bem, até o *ar* põe O com tesão. Desaperta os *jeans*, enfia lá dentro os dedos e começa a acariciar-se.

É típico do Chon, pensa O (embora essa coisa de pensar seja agora bem difícil, com a supererva e a coisita aos saltos); prefere estar ali a olhar para o sexo virtual em vez de papar uma mulher bem real, deitada ao seu lado, a masturbar-se.

– Fode-me – ouve-se ela a dizer.

Chon levanta-se da cadeira, devagar, como se fosse uma obrigação. Fica de pé a olhar para ela durante uns segundos. O quer agarrá-lo e puxá-lo para si, mas tem uma mão ocupada e com a outra não consegue alcançá-lo. *Finalmente* Chon desaperta as calças e, agora, sim, pensa ela, o seu rapaz demasiado inteligente para a escola, fornicador zen de Ash, está bem duro!

Começa calmamente, todo controlado, como se a piça dele fosse um taco de bilhar e estivesse a estudar a tacada, mas, daí a bocado, começa a bombar furiosamente, *pum, pum, pum*, como se estivesse a disparar contra ela, empurrando-lhe os ombros de encontro ao braço do sofá.

É como se tentasse expulsar a guerra que tem dentro de si, como se as imagens pudessem ser expelidas com o seu esperma (orgasmo furioso?), mas não acontece, não acontece, não acontece, não acontece, mesmo ela fazendo a sua parte, arqueando as ancas e levantando as pernas como se estivesse a tentar expulsar aquela invasora máquina de cortar da sua floresta tropical, da sua selva húmida e escorregadia.

Enquanto ela desata no...

Oh, oh, oh.

Oh, oh, *ohhhhh*...

O!

4

Quando acorda...

...mais ou menos...

Chon está sentado à mesa da sala de jantar, ainda a olhar fixamente para o colo, mas agora limpa uma arma desmontada numa toalha de praia. Porque Ben se *passava* se Chon deitasse óleo na mesa ou no tapete. Ben é muito picuinhas com as suas coisas. Chon diz que é como uma mulher, mas Ben tem uma onda diferente. Cada coisa bonita representa um risco – como cultivar e cozinhar hidro.

Embora Ben esteja ausente há vários meses, Chon e O têm muito cuidado com as coisas dele.

O espera que aquela arma desarticulada não queira dizer que Chon esteja a preparar-se para ir outra vez ao I-Rock-and-Roll, como ele lhe chama. Voltou lá duas vezes desde que saiu do serviço militar, contratado por uma dessas empresas de segurança privadas discretas. Regressou, como ele diz, com a alma vazia e a conta bancária cheia.

E é por isso que lá vai.

Cada um faz o que sabe fazer.

Chon recebeu o seu diploma de educação geral, alistou-se na Marinha, e lá conseguiu entrar na escola dos SEAL. A sessenta milhas a sul, em Silver Strand, usaram o mar para o torturar. Obrigaram-no a ficar deitado de costas num mar de inverno enquanto as ondas geladas lhe batiam (a simulação de afogamento fazia parte do treino, meus amigos, o *modus operandi* normal). Puseram-lhe troncos

pesados aos ombros e obrigaram-no a correr pelas dunas e no mar, com água até às coxas. Puseram-no a nadar debaixo de água até os pulmões quase lhe rebentarem. Fizeram tudo o que puderam para ele vergar e desistir – só que não sabiam que Chon *gostava* da dor. Quando finalmente se aperceberam desse gosto retorcido, ensinaram-lhe a fazer tudo o que só um tipo louco e atlético seria capaz de fazer na água.

Depois mandaram-no para a terra dos afegãos.

O Afeganistão.

Onde...

Há areia, há neve, não há mar.

Os talibãs não fazem *surf*.

Nem Chon; detesta esses falsos *cool* de merda. Sempre se gabou de ser o único hetero de Laguna que *não fazia surf*; só achava esquisito que tivessem gasto uma pipa de massa a treiná-lo para ser um Aquaman e depois mandarem-no para um sítio onde não há água.

Bem, as guerras fazem-se onde se encontram.

Chon fez lá duas missões e depois saiu. Regressou a Laguna para...

Para...

Humm...

Para...

Nada.

Não havia nada que Chon *pudesse* fazer. De qualquer modo, nada que quisesse fazer. Podia ter optado por ir para nadador-salvador, mas não lhe apetecia ficar sentado numa cadeira alta a ver os turistas a trabalharem para o melanoma. Um capitão da Marinha reformado ofereceu-lhe um biscate a vender iates, mas Chon não conseguia vender e detestava barcos, e portanto isso não resultou. Por isso, quando o recrutador da empresa veio ter com ele, Chon estava disponível.

Para ir para o I-Rock-and-Roll.

Havia coisas muito, muito *más* nesses dias pré-Insurreição; eram raptos, decapitações, bombas artesanais a esfacelar e a rebentar com tudo. A função de Chon era evitar que essas coisas

acontecessem aos clientes que pagavam e, se a melhor defesa fosse um bom ataque, bem...

Era o que era.

E, com a mistura certa de hidro, *speed*, *Vicodin* e oxicodona, até era um jogo de vídeo bem baril – IraqBox – e podiam juntar-se uns bons pontos no meio do *cluster* Xiita/Sunita/AQ-na-Mesopotâmia, se não se fosse demasiado picuinhas.

O diagnosticou Chon com FDSPT.

Falta de *Stress* Pós-Traumático. Diz que não tem pesadelos, nervos em franja, *flashbacks*, alucinações, nem culpa.

– Não senti *stress* – insistia Chon –, e não houve nenhum trauma.

– Deve ter sido por causa da erva – opinava O.

A erva é boa, concordava Chon.

A erva é, em princípio, uma coisa má, mas num *mundo mau* é boa, se é que percebem a moral invertida da coisa. Chon considera as drogas uma «reação racional à insanidade» e a sua utilização crónica do crónico é uma reação crónica à insanidade *crónica*.

Repõe o equilíbrio, é o que Chon acredita. Num mundo lixado, temos de ser lixados, ou caímos...

no...

fundo...

5

O puxa os *jeans* para cima, dirige-se à mesa e olha para a arma, toda desmontada em cima da toalha de praia. As peças metálicas são bonitas com aquela sua precisão técnica.

Como já se disse, O gosta de máquinas.

Exceto quando Chon está a limpar uma com uma concentração profissional, embora esteja a olhar para o ecrã de um computador.

O olha por cima do ombro dele para ver o que lhe desperta assim tanto a atenção.

Está à espera de ver alguém a fazer sexo oral, ou a recebê-lo, porque, no que toca a sexo, não se pode fazer sem receber, nem receber sem fazer.

Mas, espera aí.

Porque o que vê é isto:

Uma câmara varre o que parece ser o interior de um armazém e detém-se sobre uma fila de nove cabeças decepadas no chão. As caras – todas de homens, todas com cabelos pretos despenteados – têm expressões de choque, mágoa, dor e até resignação. Depois a câmara vira-se para a parede, onde os troncos das cabeças decapitadas se encontram pendurados em ganchos, como se as cabeças os tivessem deixado num vestiário antes de irem para o trabalho.

Não há qualquer som nem qualquer narração, apenas o som ténue da câmara e de quem a está a manusear.

Inexplicavelmente, o silêncio é tão brutal quanto as imagens.

O reprime o vômito que sente subir-lhe à boca. Ora, como já se disse, O não é rapariga para ceder. Quando consegue recuperar, olha para a arma, olha para o ecrã e pergunta:

– Vais voltar para o Iraque?

Chon abana a cabeça.

Não, diz-lhe ele, para o Iraque não.

San Diego.

6

Por favor!

Estás pronto para...

Pornografia com decapitação?

Alto aí!

Pornografia *gay* com decapitação?

O sabe que Chon é muito retorcido – não, *sabe* que Chon é muito retorcido – mas não daquela maneira, não a gozar com cabeças

decepidas, como aquela série da televisão sobre um rei inglês que mandava decapitar todas as miúdas que fornicava. (Moral da história: se fazemos um bom broche a um tipo, ele acha que somos umas putas e acaba connosco. Ou: Sexo = Morte.)

– Quem é que te *mandou* isto? – pergunta-lhe O.

Estará no YouTube, será o vídeo do dia? No MySpace, Facebook (não, não tem piada), Hulu? Será que é o que toda a gente está a ver hoje, a reencaminhar para os amigos, tens mesmo de ver isto?

– Quem é que te *mandou* isto? – repete ela.

– Uns selvagens – diz-lhe Chon.

7

Chon não fala muito.

As pessoas que não o conhecem pensam que é porque lhe falta vocabulário. Mas é o contrário; Chon não usa muitas palavras porque gosta *muito* delas. Valoriza-as tanto que tende a guardá-las.

– É como as pessoas que gostam de moedas – explicou O uma vez. – Quem *gosta* de moedas detesta *gastá-las* e, por isso, *tem* sempre muitas moedas.

Bem, nessa altura ela estava *pedrada*.

Mas estava certa.

Chon tem sempre imensas palavras na cabeça só que, muitas vezes, não as deita cá para fora.

Por exemplo, «selvagem».

O singular de «selvagens».

Chon sente-se intrigado com o substantivo *versus* o qualificativo, a galinha e o ovo, a causa e o efeito dessa etimologia particular. Este enigma (palavra *bem* divertida) surgiu-lhe de uma conversa que ouviu na terra dos afegãos. O tópico era os islamitas fundamentalistas que lançavam ácido à cara das meninas por elas frequentarem a escola.

Eis a cena que Chon recorda:

EXT. BASE DOS SEAL - DIA

Um grupo de SEALS - esgotados pelo combate - reúne-se à volta da cafeteira que se encontra em cima de uma mesa de campanha.

MÉDICO DOS SEAL

Como é possível que haja gente capaz de fazer uma coisa assim tão... *selvagem*?

CHEFE DOS SEAL

(cansado)

É fácil... são selvagens.

8

Chon percebe o que é aquele filme: uma videoconferência. No qual o Cartel de Baja apresenta as seguintes condições:

1. Vocês deixam de vender droga.
2. Quem a vende somos *nós*.
3. Vendem-*nos* todo o vosso produto e nós estipulamos o preço.
4. Ou...

...passemos ao vídeo.

Neste ilustrativo recurso audiovisual (e também educacional), vemos cinco antigos narcotraficantes que pertenciam à grande área urbana Tijuana/San Diego, que insistiam em representar a versão comercial do produto deles desobedecendo às nossas anteriores exigências, e quatro antigos polícias mexicanos, de Tijuana, que lhes davam proteção (ou não, como se pode constatar).

Estes tipos eram todos uns imbecis de merda.
Achamos que vocês são muito mais espertos.
Observem e aprendam.
Não nos queiram ver ao vivo.